

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON-LINE)
DEZEMBRO / 2019

PODE UM CRISTÃO TER DISCÍPULOS? UMA BREVE INVESTIGAÇÃO SOBRE OS LIMITES DA IMITAÇÃO DO MÉTODO DISCIPULAR DE JESUS NOS DIAS ATUAIS

Dr.^{ando} Diogo da Cunha Carvalho

PODE UM CRISTÃO TER DISCÍPULOS? UMA BREVE INVESTI- GAÇÃO SOBRE OS LIMITES DA IMI- TAÇÃO DO MÉTODO DISCIPULAR DE JESUS NOS DIAS ATUAIS

May a christian have disciples? A brief investigation about the limits of the imitation of Jesus' discipleship methods in the present days

Dr^{ando} Diogo da Cunha Carvalho¹

¹ O autor é Gerente de Evangelismo da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira e Professor de Missiologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil / Faculdade Batista do Rio de Janeiro. É Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Campos e em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Também Pós-Graduado em Direito Imobiliário e em Docência do Ensino Superior pela EMERJ-Universidade Estácio de Sá e Pós-Graduado em Direito Público pela Universidade Estácio de Sá. É Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e Doutorando em Teologia na PUC-Rio. E-mail: diogo@missoesnacionais.org.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Ao passo que cresce o interesse no campo missiológico pelo significado teórico e prático do ato de fazer discípulos (Mt 28.19), surgem também iniciativas de discipulado que, sob a justificativa de reproduzirem o modelo discipular de Jesus, acabam promovendo relações de poder entre o discipulador e o discípulo. Tais modelos têm enfrentado questionamentos, em especial quanto à possibilidade de um cristão colocar-se na posição de ser mestre e ter discípulos. Contudo, até que ponto as distorções existentes invalidam as propostas de reprodução do discipulado de Jesus, a exemplo daquela formulada por Robert Coleman em Plano mestre de evangelismo (1963)? De que forma e sob que limites um discípulo de Jesus poderia, ainda hoje, fazer e ter um discípulo? O presente artigo busca investigar, na literatura dos primórdios, se os apóstolos tiveram discípulos, como isso se deu e por que desapareceu. Ao fim, propõe uma leitura conciliadora do fazer e ter discípulos, obedecendo certos limites cristológicos e históricos.

38

Palavras-chaves: Fazer discípulos. Discipulado. Grande Comissão. Plano Mestre de Evangelismo.

ABSTRACT

The interest on what it really means to make a disciple (Matthew 28:19) has increased in missiology realm. At the same time, some discipleship models that promote power-based relations between the disciple-makers and the disciple have also arisen. These models try to justify themselves on the imitation of Jesus own methodology. However, they have faced serious objections; manly regarding the possibility of a Christian presents himself as master and earn disciples. To what extent the distortions found in these models invalidate the proposals of repro-

duction of Jesus' discipleship principles, such as Robert Coleman's Master Plan of Evangelism (1963)? How and under which circumstances a disciple can make and have a disciple nowadays? With this in mind, this article aims to investigate, in early literature, if the apostles had disciples; then, how they developed this type of discipleship and why it has disappeared. Finally, the article proposes a conciliatory understanding of making and having disciples under certain Christological and Historical boundaries.

Keywords: Disciple-making. Discipleship. Great Commission. Master Plan of Evangelism.

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX assistiu a um crescente interesse da missiologia evangélica por um discipulado missionário², por assim dizer, um discipulado escorado não apenas no seguimento de Jesus – como proposto por Bonhoeffer (1906-1945)³ – mas no cumprimento da missão de fazer discípulos depreendida de Mateus 28.19. No início de 1980, Jesse C. Fletcher reportava que a palavra “discipulado” havia se transformado em uma senha de acesso nos círculos cristãos.⁴ De lá para cá, inúmeros livros foram publicados e congressos realizados sobre o assunto, ao ponto de João Pedro Gonçalves Araújo afirmar que “as primeiras duas décadas do século vinte e um estão se mostrando férteis na ‘produção’ – tradução – de literatura acerca do discipulado”.⁵ O tema tem crescido e exigido cada vez mais reflexão teológica e missiológica.

² Discipulado missionário refere-se ao discipulado em seu sentido horizontal, o qual está associado ao fazer discípulos previsto em Mateus 28.19, 10. A esse respeito, conferir o artigo Discipulado, Perspectivas e Dimensões: um diálogo em busca da complementariedade entre o discipulado na comunidade, no pequeno grupo e no relacionamento um a um, de Diogo Carvalho publicado na revista **Via Teológica**, Vol. 20, n. 39, Jun./2019. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/116>.

³ Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo alemão, escreveu, entre outras obras, o livro Discipulado (1937), cujo título original é *Nachfolge* – literalmente, “seguimento”.

⁴ FLETCHER, Jesse C. *Practical discipleship*. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1980, p. 3.

⁵ ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. Discipulado: autarquia, anarquia, ditadura – uma análise. **Via Teológica**, v. 19, n. 37, jun./2018, p. 287.

A efervescência das últimas décadas deu origem a propostas tendentes a reproduzir, nos dias atuais, a metodologia de discipulado praticada por Jesus conforme os Evangelhos. É bem verdade que A. B. Bruce (1831-1899), escritor de “O treinamento dos doze” (1871), já havia se debruçado sobre os métodos de ensino Jesus.⁶ Porém, apenas no século seguinte começou-se a ventilar que a estratégia de Jesus, de selecionar um grupo de seguidores a fim de treiná-los e enviá-los em missão, deveria constituir não apenas uma inspiração para a formação de obreiros, mas também um padrão atemporal para o ministério cristão. Um desses autores foi Robert Coleman (1928-), com o livro “Plano mestre de evangelismo” (1963), no qual defendeu a adoção, pelos líderes eclesiais de seu tempo, dos princípios por trás dos métodos usados por Jesus ao fazer discípulos.⁷

Voltaremos ao referido autor mais adiante. Neste breve introito, importa mencionar tão-somente que a possibilidade de imitação do método discipular de Jesus tem sido alvo de um crescente debate. As propostas orientadas no discipulado de Jesus, dado o abismo temporal e cultural entre os contextos neotestamentário e atual, não têm ficado imunes a distorções e conseqüentes questionamentos. A questão é palpitante e suscita muitas indagações: até que ponto a expressão “fazei discípulos” encontrada em Mateus 28.19 sugere o dever de reproduzir os princípios de discipulado observados no relacionamento de Jesus com seus apóstolos? Haveria algo nessa relação mestre-discípulo que seja inerente à missão cristã e aplicável neste tempo? Ou ainda: em que grau e sob que condições o discipulado de Jesus poderia – ou deveria – tornar-se o modelo para um fazer discípulos na atualidade?

⁶ No prefácio da obra, D. Stuard Briscoe a define como “fonte para o treinamento ao apresentar o Mestre ensinando sua equipe especial” (BRUCE, A. B. **O treinamento dos doze: princípios eternos para o desenvolvimento de liderança**. 8. impr. Rio de Janeiro, CPAD, 2015, p. 6).

⁷ Outro autor que merece ser citado é Keith Phillips (1946-), com sua obra *A formação de um discípulo* (The Making of a Disciple), 1981.

Sem esgotar o assunto, este sucinto artigo buscará apontar caminhos para responder a essas questões. Antes, recordem-se os antecedentes missiológicos das propostas de discipulado do século XX, como a de Robert Coleman.

1. WILLIAM CAREY E A PRIMEIRA MUDANÇA DE PARADIGMA: QUEM DEVE FAZER DISCÍPULOS

Antes de William Carey (1761-1834) publicar “Uma investigação sobre as obrigações dos cristãos de usarem todos os meios para a conversão dos pagãos” (1792), a ideia de que Mateus 28.18-20 constitua uma incumbência a todo cristão aparentemente não havia sido aventada.⁸ Ao discordar do pensamento vigente, Carey valeu-se da mencionada passagem para tentar convencer os batistas ingleses a empreenderem esforços para evangelizar as nações pagãs. Tal entendimento desafiou a antiga tese confirmada por Martinho Lutero, de que a referida comissão fora entregue apenas aos doze apóstolos, e que os únicos que teriam sido chamados a fazer discípulos seriam os bispos e pastores, na qualidade de sucessores deles. De modo semelhante, João Calvino advogava que a ordem contida naquele verso somente poderia ser exercida por ministros ordenados, com uma exceção: naqueles lugares onde ainda não houvesse uma igreja estabelecida, um missionário leigo poderia cumprir Mateus 28.19,20; mesmo assim, deveria fazê-lo em caráter temporário, ou seja, até que um ministro fosse enviado ao local.⁹ Para Mark Ellis, Calvino “teria rejeitado a ideia que a vocação missionária era obrigatória para todos os membros das igrejas locais”.¹⁰

⁸ CAREY, William. “Uma investigação sobre o dever dos cristãos”. In: WINTER, Ralph D. (ed.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

⁹ ELLIS, Mark. “O espanto da Grande Comissão”. In: *Sistemática Equatorial*. Faculdade Teológica Batista Equatorial, n. 1, Ano 2. Belém, PA: 2014, p. 10-11.

¹⁰ ELLIS, 2014, p. 13.

Tamanha foi a influência de Carey que, ainda hoje, prevalece a compreensão de que, embora os pastores e mestres tenham sido vocacionados de forma especial a pregar e ensinar na igreja, cada cristão deve cumprir Mateus 28.19, fazendo discípulos. Essa foi a primeira quebra de paradigma do discipulado missionário: de uma tarefa exclusiva dos apóstolos (e sucessores) a uma missão imperativa para todo cristão. Em que pese o avanço, uma nova mudança de paradigma precisou aguardar até meados do século XX para acontecer.

2. JOHN STOTT E A SEGUNDA MUDANÇA DE PARADIGMA: O QUE É FAZER DISCÍPULOS

Até meados do século XX, prevaleceu o entendimento de que, conquanto todo cristão deva fazer discípulos, tal tarefa seria o mesmo que pregar o evangelho e obter convertidos. Em parte, essa compreensão subsiste até nossos dias, embora o significado de fazer discípulos esteja aberto a novas discussões. De toda forma, desconhece-se em obras anteriores a 1960 qualquer insinuação de que fazer discípulos poderia ser algo diferente de evangelizar. Como bem salienta John Stott, “até a conferência IMC de 1952, em Willingen, considerava-se como ponto pacífico a ideia de que missão e evangelização, missões e programas evangelísticos, missionários e evangelistas significavam mais ou menos a mesma coisa”.¹¹

O próprio Stott teve a oportunidade de explicitar sua interpretação de Mateus 28.19 durante o Congresso Mundial de Evangelização de Berlim, em 1966, ocasião em que defendeu um fazer discípulos que se obteria mediante o anúncio das boas-novas (evangelização). Para ele, ao se pregar o evangelho, prega-se

¹¹ STOTT, John. “Base bíblica da evangelização”. In: **A missão da igreja no mundo de hoje**: as palestras principais do Congresso Internacional de Evangelização realizado em Lausanne, Suíça. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 2. ed. pp. 33-53, p. 35.

a Cristo, e, então, os homens se convertem e se tornam discípulos. Conclui: “Jamais poderemos fugir desta verdade elementar, ou ir além dela: que evangelismo é pregar Jesus Cristo e fazer discípulos de Jesus Cristo”.

Esse foi o paradigma reinante na primeira metade do século XX, isto é, que evangelizar e fazer discípulos seriam basicamente a mesma coisa; o primeiro, a tarefa, o segundo, o resultado.¹² Porém, uma nova virada missiológica estava a caminho e seria confirmada pela pena do próprio Stott em 1975.

Um ano após o Congresso Internacional de Evangelização Mundial de Lausanne (1974) – do qual foi um dos promotores –, John Stott revisitou Mateus 28.19, bem como Marcos 16.15, Lucas 24.47 e Atos 1.8. Após reafirmar que haveria ali uma clara ênfase cumulativa na pregação, no testemunho e no discipulado – o que se deduziria da parte final da Grande Comissão em Mateus –, Stott externou uma nova conclusão:

Muitos deduzem disso que a missão da igreja, de acordo com as especificações do Senhor ressurreto, seja exclusivamente uma missão de pregação, conversão e ensino. Realmente, confesso que defendi essa posição no Congresso Mundial de Evangelização em Berlim, em 1966, quando tentava expor as três versões principais da Grande Comissão. Entretanto, hoje me expressaria de forma diferente. Não significa apenas que a Comissão inclui a tarefa de ensinar aos convertidos tudo o que Jesus havia ordenado previamente (Mt 28.10), e que a responsabilidade social está entre as coisas que Jesus ordenou. Agora vejo mais claramente que, não apenas as consequências da Comissão, mas também a própria Comissão inclui em si a responsabilidade social assim como a evangelística, a menos que queiramos ser acusados de distorcer as palavras de Jesus.¹³

¹² Para dar outro exemplo, em seu livro sobre evangelização lançado em 1984, Noel Gibson defende que “discípulos são o fim e o resultado desse processo de evangelismo”. GIBSON, Noel C. **The fisherman’s basket: open air and other methods of evangelism**. Australia: Freedom in Christ Ministries, 1990, p. 6.

¹³ STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 26.

Essa mudança de compreensão, de enxergar a missão cristã para além da “mera” pregação, acompanhou a tendência, verificada no século XX, de conceber a missiologia sob uma ótica mais abrangente, integral e vivencial, a qual, sem diminuir a importância da pregação, traz implicações sociais e políticas.¹⁴ Ressalta-se que esse pensamento não é unívoco. Em muitos ambientes evangélicos continua prevalecendo a ideia de que a suprema tarefa da igreja é a evangelização do mundo, em seu sentido proclamacional.¹⁵ Sem adentrar nesse debate, o que extrapolaria o recorte aqui proposto, certo é que, ao longo do século XX, a missiologia evangélica passou a refletir cada vez mais sobre de que forma a vida e a obra de Jesus poderiam fornecer um modelo de missão cristã para a atualidade. Essa busca por um agir no mundo mais espelhado em Cristo viria a emergir com mais força na última obra do autor, “O discípulo radical” (2010, edição em inglês), quando abordou com profundidade o tema da imitação da missão de Jesus:

“Será que a encarnação foi um evento totalmente único e impossível de ser imitado?” A resposta é sim e não. Sim, porque o Filho de Deus assumiu nossa humanidade para si mesmo em Jesus de Nazaré, uma vez por todas e sem necessidade de repetição. Não, porque todos nós somos chamados a seguir o exemplo de sua humildade.¹⁶

Ao desprender-se da noção de que cumprir a Grande Comissão seria praticamente o mesmo que pregar, Stott começou a meditar sobre qual aspecto da missão de Jesus seria imitável e aplicável aos dias atuais; e concluiu, alicerçado em João 20.21, que o ministério de Jesus deveria ser reproduzido pelos cristãos

¹⁴ Conforme estatui o item 6 do Pacto de Lausanne, documento final do congresso realizado na cidade que lhe empresta o nome, “afirmamos que Cristo envia o seu povo redimido ao mundo assim como o Pai o enviou, e que isso requer uma penetração de igual modo profunda e sacrificial”.

¹⁵ Como dizia Oswald Smith, “somente quando as nossas igrejas se tornarem centros espirituais de evangelismo agressivo, tanto no solo pátrio como no estrangeiro, é que poderemos ser fiéis à visão de Jesus Cristo, conforme expressa na Grande Comissão” (SMITH, Oswald. **Paixão pelas Almas**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009. p. 144).

¹⁶ STOTT, John. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011, p. 26.

contemporâneos no que concerne a sua encarnação, serviço, amor, longanimidade e missão. E declarou:

Não se trata apenas da versão da Grande Comissão registrada no Evangelho de João; é também uma instrução para que a missão dos discípulos se assemelhe à de Cristo. Em que sentido? As palavras-chave são “enviei ao mundo”. Isto é, como Cristo teve de entrar em nosso mundo, nós também precisamos entrar no mundo de outras pessoas.¹⁷

A contribuição de John Stott serviu para aproximar a missão cristã da missão de Cristo; para trazer uma compreensão do “fazer discípulos” que deve ser cumprida não somente pela via da evangelização, mas também pela via do discipulado. Mas isso ainda não quer dizer que Stott tenha enxergado em Mateus 28.19 uma sinalização de que o método discipular de Jesus deveria ser replicado pelos cristãos de nossos dias em sua ação de fazer discípulos. Isso atribui-se a outro autor: Robert Coleman.

3. ROBERT COLEMAN E A TERCEIRA MUDANÇA DE PARADIGMA: COMO FAZER DISCÍPULOS

45

Aparentemente, ninguém avançou tanto na investigação de como o método de discipulado de Jesus pode ser implementado na atualidade quanto o estadunidense Robert E. Coleman (1928-). Autor de “Plano Mestre de Evangelismo” (1963)¹⁸, defendeu que a estratégia de formação de discípulos de Jesus, embora singular sob vários ângulos, carrega princípios que deveriam ser observados e aplicados na missão cristã nos dias atuais. Cole-

¹⁷ STOTT, 2011, p. 28.

¹⁸ Apesar de o referido livro ter sido lançado antes dos últimos textos de Stott, os princípios de discipulado ventilados por Robert Coleman repercutem em larga escala somente no fim do século XX, quando a missiologia evangélica passa a concentrar-se no assunto. A contracapa do Plano mestre de evangelismo, na edição em português da Mundo Cristão, informa que, apesar de seu sucesso desde o lançamento, a obra é de um tempo “quando o discipulado não estava na moda”. Por esta razão, sugere-se que a guinada missiológica iniciada por Robert Coleman seja a terceira mudança de paradigma de discipulado do século passado.

man afirmou que “a Grande Comissão não é um chamado para um novo plano de ação, mas o desenvolvimento do próprio método de missão de Jesus”.¹⁹ Embora mencione “métodos”, fica claro que ali quis referir a “princípios” extraídos dos métodos, e não aos métodos em si:

É isso que justifica o estudo proposto neste livro. Trata-se de um esforço para identificar os mesmos princípios que determinavam as ações do Mestre, na esperança de que nosso trabalho siga o mesmo padrão de excelência e eficácia. Assim sendo, você não verá neste livro uma tentativa de interpretação dos métodos de Jesus, tanto no que se refere à evangelização pessoal quanto à pregação do Evangelho para grandes públicos. Na verdade, este é um estudo dos princípios implícitos no ministério do Filho de Deus e que determinaram os métodos que ele utilizou.²⁰

E quais seriam esses princípios? Coleman distribui seu livro em um princípio por capítulo: recrutamento, associação, consagração, transmissão, demonstração, delegação, supervisão e reprodução. Segundo o autor, o foco do ministério de Jesus não era a multidão, mas as pessoas em particular – a base de seu método. Por isso, começou a reunir alguns poucos discípulos antes mesmo de organizar campanhas de evangelização de massa. Seu intuito era arregimentar pessoas (recrutamento) que viriam a ser capazes de dar prosseguimento à obra de evangelização depois de sua partida.²¹ Explica:

Embora Jesus tivesse feito o que podia para ajudar o povo, precisava dedicar sua atenção prioritariamente a algumas pessoas, mais do que às massas, com o objetivo de garantir que elas tivessem a oportunidade de conhecer o caminho da salvação. Este era o aspecto mais genial de sua estratégia.²²

¹⁹ COLEMAN, Robert E. In: PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Vida, 2008, p. 9. Coleman assina a introdução deste livro.

²⁰ COLEMAN, Robert. **Plano mestre de evangelismo**. São Paulo: Mundo cristão, 2016, p. 10.

²¹ COLEMAN, 2016, p. 17.

²² COLEMAN, 2016, p. 26.

Segundo Coleman, a estratégia de Jesus era preparar um núcleo de trabalhadores para a colheita. Esse núcleo, por sua vez, deveria alcançar outros e treiná-los com a mesma visão. Assim, “por meio do processo de reprodução, Ele [Jesus] anteviu o dia em que cada pessoa teria a oportunidade de responder de forma inteligível ao Evangelho do amor redentor de Deus”.²³ Afirma o autor:

A forma deliberada com que Ele abordou o discipulado só pode ser vista como um ingrediente essencial do propósito de sua vida. Isso não aconteceu acidentalmente. Embora o desenvolvimento do plano pareça bem natural, deve ter sido calculado cuidadosamente por Jesus. Esse foi o seu programa para a evangelização do mundo. Tudo o mais dependia disso, pois se seus discípulos não aprendessem a perpetuar a vida e os ensinamentos dele, então sua vinda ao mundo teria sido em vão.²⁴

Coleman, então, propõe que o líder cristão concentre seu tempo e seus talentos sobre um número reduzido de pessoas, sem negligenciar a paixão pelo mundo. Para o autor, a essência do programa de treinamento de Jesus era permitir a seus discípulos que o seguissem (associação), o que implicaria, hoje, no cuidado pessoal dos novos convertidos.²⁵ Além disso, os discípulos precisavam ser colocados sob a disciplina da obediência (consagração), muito embora viessem a perceber que não estavam simplesmente cumprindo uma regra, mas retribuindo o amor de um mestre disposto a dar a vida por eles (transmissão).²⁶ Espelhado em Jesus, o ensino cristão deve sempre ser provido com naturalidade (demonstração), razão pela qual “aqueles que desejam treinar outras pessoas devem estar preparados para torná-las seus seguidores, assim como seguimos a Cristo”.²⁷ A única

²³ COLEMAN, Robert E. **They Meet the Master: A Study Manual on the Personal Evangelism of Jesus**. Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1973, p. 10.

²⁴ COLEMAN, Robert E. **The Mind of the Master**. Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1977, p. 96.

²⁵ COLEMAN, 2016, p. 43.

²⁶ COLEMAN, 2016, p. 57.

²⁷ COLEMAN, 2016, p. 74.

maneira de oferecer esse treinamento aos novos crentes seria “dando-lhes um líder a quem possam seguir”²⁸; ou seja, um discípulo discipulando outro. Depois, é preciso designar os novos discípulos a uma obra (delegação) e acompanhá-los com paciência e disposição (supervisão). Por fim, Jesus esperava que seus discípulos dessem frutos, isto é, que transformassem outras pessoas naquilo que eles já eram: discípulos dele (reprodução).²⁹

Assim como Coleman, Waylon Moore (1927-)³⁰ sugere que cada cristão faça parte de um programa constante de preparação para fazer discípulos. Segundo esse autor, o grande recurso para a evangelização mundial é o crente individualmente falando³¹; e o modo bíblico de fazer um discípulo é fornecer treinamento individual ao novo crente por meio de um discípulo mais maduro, a fim de que seja capaz de multiplicar-se.³² Dessa forma, quem deve fazer discípulos é o próprio discípulo, já amadurecido, ao reproduzir-se na vida de outros.³³ Nas palavras do autor, “fazer discípulos de todas as nações torna-se tanto um resultado da evangelização quanto uma forma de realizar a evangelização do mundo”.³⁴

No entanto, até que ponto essa nova leitura do ato de fazer discípulos – um cristão discipulando outro – acabaria por colocar esse cristão, a pretexto de reproduzir o método de Jesus, em uma posição de superioridade quase salvífica sobre alguém? Se fazer discípulos significa ser um “mestre” e ter discípulos, isso não representaria uma apropriação indevida de uma prerrogativa exclusiva de Cristo (cf. Mt 23.10)? O questionamento é legítimo, e uma oposição se tem levantado contra essa possibilidade.

²⁸ COLEMAN, 2016, p. 43.

²⁹ COLEMAN, 2016, p. 106.

³⁰ MOORE invoca Marcos 3.14 para formular um resumo mais simples do método de Jesus: escolher, treinar e enviar (MOORE, Waylon. **Multiplicando discípulos**: o método neotestamentário para o crescimento da igreja. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 70).

³¹ MOORE, Waylon. **Integração segundo o Novo Testamento**: como conservar, desenvolver e multiplicar os convertidos. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 12-13.

³² MOORE, 1990, p. 30.

³³ MOORE, 1990, p. 30.

³⁴ MOORE, 1990, p. 31.

4. CRÍTICAS À IDEIA DE QUE UM CRISTÃO PODE TER DISCÍPULOS

Ao passo em que se multiplicam as propostas de discipulado espelhadas na missão de Jesus, cresce também a preocupação de que seu método gere uma relação indevida de autoridade entre o discipulador e aquele que o segue. Sob uma ótica cristológica e soteriológica, a ideia de que um cristão possa ter discípulos parece colocá-lo na posição de redentor, o que seria inadmissível.

Karl Barth (1886-1968) já assinalava que, na prática, “o comando para seguir Jesus é idêntico ao comando de crer nele”³⁵; o que tornaria o seguimento um fenômeno impossível de ser repetido. Dietrich Bonhoeffer assinalou que, ao comentar sobre o perigo de se julgar outra pessoa, “nisso consiste uma grande tarefa dos discípulos: reconhecer o limite de sua missão”.³⁶ Jürgen Moltmann (1926-) também ressaltou que o discipulado de Jesus, porquanto implicava uma extraordinária reivindicação de poder, não envolvia de forma alguma um convite para que os discípulos, eles mesmos, tornarem-se mestres. Observa:

O chamado feito por Jesus era uma extraordinária reivindicação de poder. Os discípulos não seguem para se tornarem, eles mesmos, mestres. Antes, eles devem se tratar como irmãos e não mestres (Mt 10.24). Afinal, Jesus não estava fundando uma nova escola rabínica, mas anunciava a chegada do Reino. O chamado ao discipulado está no contexto do domínio iminente de Deus, e o símbolo disso é o próprio Jesus em pessoa.³⁷

A preocupação se agrava pelo aparecimento, ainda no fim do século XX, de modelos de “discipulado” que, sob a justificativa de reproduzirem o método de Jesus, têm ocasionado relações

³⁵ BARTH, Karl. **Chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 22.

³⁶ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 11.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 115.

³⁷ MOLTSMANN, J. **O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã**. São Paulo: Academia Cristã, 2014, p. 79.

disciplinares disfuncionais, com viés de controle e subordinação. Para ilustrar, o Governo dos Doze (G12), conhecido por suas distorções, teve o pretexto de copiar nada mais do que o exemplo de Jesus no desenvolvimento de uma equipe ministerial com doze homens.³⁸

Esses modelos aguçaram a resistência contra a insinuação de que um cristão poderia ter discípulos. Por exemplo, Yago Martins é tão enfático contra tal possibilidade que intitula um dos capítulos de seu livro “Faça discípulos ou morra tentando” (2017) com um sonoro “Você não tem discípulos”.³⁹ Partindo de sua experiência negativa com certo modelo de discipulado que, ao seu ver, caracteriza-se pelo seguimento cego à liderança, Martins insurge-se contra o que denomina discipulado antropocêntrico. Argumenta que a Grande Comissão em Mateus 28 coloca toda a autoridade em Cristo e, por conseguinte, qualquer visão de discipulado centrada na figura do discipulador repartiria a autoridade última de Cristo e a dividiria com intermediários humanos.⁴⁰ Invocando Mateus 23,8, sustenta: “Quem pensa em si mesmo como alguém que tem discípulos, está competindo com Cristo. Nós apenas nos edificamos uns aos outros enquanto discípulos dele”.⁴¹

Para Martins, desde que os apóstolos instituíram que líderes (presbíteros, pastores e bispos) fossem escolhidos pela igreja local para pastoreá-la, ter discípulos não caberia mais a homem algum: “Não somos discípulos de nossos pastores. Eles podem ser nossos discipuladores, mas não são nossos mestres, em sentido último. Somos seus discipulandos, mas não seus discípulos”.⁴²

³⁸ Confira-se as palavras de seu fundador: “Quantas pessoas Jesus discipulou?” Essa foi a primeira pergunta que veio à minha mente quando o Senhor revelou-me a Visão” (CASTELLANOS, César. **O ABC da visão**. Bogotá, Colômbia: G12 Editores, 2018, p. 36).

³⁹ MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando**: o significado, a extensão e o selo do discipulado. Niterói: Concílio, 2017, p. 61.

⁴⁰ MARTINS, 2017, p. 63

⁴¹ MARTINS, 2017, p. 64.

⁴² MARTINS, 2017, p. 64.

A crítica de Yago Martins é razoável. Dificilmente se ignora o fato de que abusos espirituais têm sido cometidos em nome de um pretendo discipulado. A questão é saber se, a despeito dos desvirtuamentos ocasionais e do debate meramente terminológico, há alguma proporção saudável em que a estratégia discipular de Jesus – de fazer discípulos discipulando-os – constitua, de fato, um modelo de discipulado aplicável para hoje. Um dos caminhos para iluminar o problema é estudar os desdobramentos históricos da Grande Comissão a partir do que os apóstolos fizeram e, com isso, verificar se eles tiveram discípulos e, caso afirmativo, se isso de alguma forma comprometeu a atribuição de autoridade divina devida unicamente a Cristo.

5. OS APÓSTOLOS TIVERAM DISCÍPULOS?

Ora, se os apóstolos compreenderam a ordem de Mateus 28.19 como um comando para replicar a metodologia discipular de Jesus, é de se esperar que tenham tido discípulos e que estes tenham aprendido a fazer o mesmo, e assim por diante. Mas, será que isso realmente aconteceu? Começemos pelo livro de Atos dos Apóstolos.

Considerando a narrativa do avanço missionário nos primeiros anos da igreja, a distinção entre o método de pregação pública e de discipulado dos que criam – concentração, para usar a terminologia de Coleman – é bem nítida, notadamente na estratégia missionária paulina. Em outra publicação, já demonstramos que os apóstolos entenderam, desde cedo, a necessidade de integrar os novos discípulos e ensiná-los a obedecer ao que Cristo ensinou; eis por que sempre acolhiam em torno de si as pessoas receptivas ao evangelho. Senão, observe-se:

Em 2.40-42, depois de seu sermão, Pedro “com muitas outras palavras (...) deu testemunho e exortava as pessoas”. Os que aceitaram de bom grado o evangelho foram batizados e começaram a perseverar no ensino dos apóstolos, na comunhão e

nas orações. Isso mostra uma dedicação integral dos apóstolos às pessoas receptivas à pregação. No v. 42, os apóstolos “todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo”. Ora, para os apóstolos terem estado nas casas, isso dependeu de os seus moradores estarem interessados em conhecer mais sobre o evangelho.

Em Antioquia da Pisídia (13.4ss.), Paulo começou pregando o evangelho publicamente na sinagoga. Tendo muitos dos judeus e prosélitos crido, estes seguiram Paulo e Barnabé. Os dois, então, dedicaram atenção imediata a esses, falando-lhes e exortando-os (v. 43). Na semana seguinte, “ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus” (v. 44). Alguns rejeitaram a mensagem (v. 46), outros creram (v. 48). Os apóstolos se dispuseram a dedicar tempo aos interessados.

Em Icônio, Paulo e Barnabé falaram na sinagoga e muitos creram; outros permaneceram incrédulos (14.1,2). Em seguida, os missionários investiram “muito tempo” ali, “falando ousadamente no Senhor” (v. 3). Fácil perceber que houve da parte dos missionários a preocupação de investir no relacionamento discipulador daquelas pessoas.

Em Filipos, por não haver sinagoga, Paulo e Silas anunciaram Jesus a umas mulheres à beira do rio (16.13). Lídia, depois de crer e ser batizada, rogou que os missionários ficassem em sua casa, no que foi atendida (v. 14). Mais tarde, na evangelização do carcereiro, uma vez que ele creu, Paulo e Silas foram até a sua casa. O modelo aqui, mais uma vez, é andar perto daqueles que se interessarem por saber mais do evangelho, inclusive indo até a sua casa.

Em Corinto, Paulo “todos os sábados disputava na sinagoga, e convencia a judeus e gregos”, “testificando (...) que Jesus era o Cristo” (18.4, 5). Por causa dos que foram receptivos à mensagem, Paulo ficou ali por um ano e seis meses ensinando a Palavra de Deus, os quais, ouvindo-o, creram e foram batizados (vv. 7-11).

Em Éfeso, Paulo, “entrando na sinagoga, falou ousadamente e por espaço de três meses, disputando e persuadindo-os acerca do reino de Deus. Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles, e separou os discípulos, disputando todos os dias na escola de um certo Tirano. E durou isso por espaço de dois anos (...)” (19.8-10). Ou seja, o apóstolo, após anunciar ao máximo de pessoas, priorizou aqueles que se interessaram pelo evangelho. Mais à frente (20.20), Paulo relata que, enquanto esteve em Éfeso, ensinava publicamente e pelas casas. A comoção da despedida em 20.36 e 37 retrata a profundidade do relacionamento discipulador desenvolvido por Paulo com aqueles discípulos, agora presbíteros, nesse período.

Paulo seguiu o mesmo padrão até o fim: em Roma, ele convocou os judeus para lhes pregar o evangelho (At 28.17, 20 e 23). O texto relata que “alguns criam no que se dizia, mas outros não criam” (v. 24). Aos que se interessaram, Paulo dedicou dois anos inteiros para receber em sua casa (uma vez que estava em prisão domiciliar e, por isso, não poderia ir à casa deles): “todos quantos vinham vê-lo”, a quem “ensinava com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo” (v. 30 e 31).⁴³

Acrescente-se a menção, em Atos 14.20-22, de que Paulo e Barnabé anunciaram o evangelho em Derbe e fizeram muitos discípulos.

Porém, para uma verificação mais precisa se os apóstolos tiveram – e não apenas fizeram – discípulos, é necessário recorrer à literatura cristã dos primeiros séculos. Antes, uma advertência. Se o que se almeja é rastrear as possíveis referências aos “discípulos dos apóstolos” nos escritos primitivos, deve-se atentar para a influência da cultura grega na mentalidade cristã do período. Como ressalta Werner Jaeger, “é claro que esse proces-

⁴³ CARVALHO, Diogo. **Relacionamento discipulador**: uma teologia da vida discipular. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2015, p. 41-43.

so de cristianização do mundo de fala grega dentro do Império Romano não foi de maneira alguma unilateral, pois ao mesmo tempo significou a helenização do cristianismo”.⁴⁴

A própria noção de discipulado está envolta pela estrutura filosófica grega. Vale dizer que é comum encontrar entre os chamados Pais da Igreja a alusão a “discípulos” de hereges, como em Irineu (130-202), que menciona discípulos de Valentin⁴⁵, Ptolomeu⁴⁶, Menandro⁴⁷, Carpócrates⁴⁸, Simão (o mago)⁴⁹, Marcião⁵⁰ e outros. Ocorre que tal referência não alude ao discipulado cristão, propriamente, mas ao sistema grego de ensino (paideia). Como esclarece Jaeger, “com a linguagem grega todo um mundo de conceitos, categorias de pensamento, metáforas herdadas, e conotações sutis entram no pensamento cristão”⁵¹. Portanto, previne-se desde já: o fato de os autores patrísticos mencionarem que certos apóstolos tiveram discípulos, como se verá adiante, não significa que estavam copiando a estratégia discipular de Jesus, necessariamente. Poderia ser o caso, mais provável, de os próprios escritores patrísticos, imersos na cultura helênica, estarem empregando o termo “discípulos” com um contorno muito mais filosófico do que missiológico.

De toda forma, valendo-se de um conceito de discipulado quer judaico quer grego – ou, ainda, de uma amálgama de ambos – o certo é que, segundo determinadas fontes, alguns apóstolos tiveram discípulos. De acordo com um romance siríaco do século III, Clemente de Roma foi discípulo de Pedro.⁵² A Carta a

⁴⁴ JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e paideia grega**. Tradução Daniel da Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014, p. 12.

⁴⁵ IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 30, 126, 186 e 245. [I Livro Pr., 2; II Livro Pr., 1; 19,8; III Livro Pr.]

⁴⁶ IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 68 [I Livro 12,1].

⁴⁷ IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 101 [I Livro 23,5].

⁴⁸ IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 104-105 [I Livro 25,1; II Livro 31,2].

⁴⁹ IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 146-147 [II Livro 9,2].

⁵⁰ IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 229-231 [II Livro 31,1].

⁵¹ JAEGER, 2014, p. 13.

⁵² **PADRES APOSTÓLICOS**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti. Tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1991, p. 11.

Diogneto faz referência a um certo apologista de nome Quadrato, o qual, sabia-se pela tradição, foi discípulo dos apóstolos.⁵³ Irineu menciona Papias como discípulo de João.⁵⁴ Irineu relata como João reunia presbíteros em volta de si, a quem transmitiu a tradição apostólica: “alguns desses presbíteros que viram não somente João, mas também outros apóstolos e os ouviram dizer as mesmas coisas, testemunham isso tudo”.⁵⁵ Segundo Eusébio⁵⁶, um desses discípulos de João foi Policarpo, mestre do próprio Irineu e responsável por lhe contar sobre “os colóquios íntimos que tinha com João e como os outros que haviam visto o Senhor, seus milagres e sua doutrina”.⁵⁷ Irineu, ainda, menciona “discípulos dos apóstolos”⁵⁸, referindo-se ora aos presbíteros em geral⁵⁹, tidos como sucessores deles, ora a indivíduos específicos, como Lucas, chamado de discípulo dos apóstolos⁶⁰ e de Paulo⁶¹; e Policarpo, também considerado discípulo dos apóstolos.⁶² Interessante que, ao discorrer sobre o ministério de Paulo, Irineu esclarece que uma coisa era receber seus ensinamentos de público; outra, ser seu discípulo:

Que Paulo ensinasse com simplicidade o que sabia não somente aos seus discípulos, mas a todos os que o escutavam, ele mesmo o declara. Tendo convocado a Mileto os bispos e os presbíteros de Éfeso e das cidades vizinhas (...), depois de lhes ter atestado muitas coisas e dito o que lá lhe havia acontecer, acrescentou: (...) “Não me esqui-

⁵³ **PADRES APOLOGISTAS.** Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti. Tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995, p. 14.

⁵⁴ Eusébio de Cesareia o coloca como discípulo de João”, o “presbítero”. EUSÉBIO, Bispo de Cesareia. **História eclesiástica**; [tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria de Cristo]. São Paulo: Paulus, 2000, p. 169 [História Eclesiástica, III, 39,15].

⁵⁵ IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 196 [II Livro 22,5].

⁵⁶ História Eclesiástica, V, 20,6. PADRES APOSTÓLICOS, 1991, p. 321.

⁵⁷ PADRES APOSTÓLICOS, 1991, p. 14.

⁵⁸ IRINEU DE LYON. **Demonstração da pregação apostólica / Irineu de Lyon**; [traduzido por Ari Luis do Vale Ribeiro]. São Paulo: Paulus, 2014, p. 61, 252 e 313.

⁵⁹ IRINEU DE LYON, 2014, p. 73.

⁶⁰ IRINEU DE LYON, 2014, p. 98 e 270.

⁶¹ IRINEU DE LYON, 2014, p. 308.

⁶² IRINEU DE LYON, 2014, p.251.

vei, disse, a anunciar-vos [presbíteros de Éfeso e cidades vizinhas] todas as disposições de Deus”: assim os apóstolos, com simplicidade, sem inveja de ninguém, comunicavam a todos o que tinham aprendido do Senhor; e é assim também que Lucas nos transmitiu, sem ciúme algum, o que tinha aprendido deles, como ele mesmo diz: “Como nos referiam os que, desde o princípio, foram as testemunhas oculares e os servos do Verbo”.⁶³

Segundo se depreende, Paulo pregava o evangelho a todos, porém dispensava tratamento reservado aos que o acompanhava em suas viagens (repare-se o elemento itinerante já abordado). O fato de Lucas ser um discípulo de Paulo significava algo mais do que simplesmente estar presente enquanto Paulo proferia sermões ou ministrava publicamente. “Ter ouvintes” era diferente de “ter discípulos”. O primeiro grupo pressupõe anúncio; o segundo, relacionamento – ambiente para “colóquios íntimos”, como os de João com Policarpo. Não por outra razão, Irineu afirmou, a respeito de Lucas, que “o seu testemunho é veraz e o ensinamento dos apóstolos é claro, firme e vem de homens que nada ocultaram, que nunca ensinaram uma coisa em particular e outra em público”.⁶⁴ “Em particular” refere-se ao status de Lucas como discípulo de Paulo; “em público”, às pregações e ao ensino nas sinagogas e locais abertos que o médico-discípulo presenciou, entre vários espectadores.

Ainda que o discipulado no período patrístico esteja sujeito à influência helênica, o que se conclui é que, para os Pais Apostólicos e Irineu, o discipulado – por assim dizer, o ser discípulo de um apóstolo, a exemplo da relação entre Paulo e Lucas – implicava gozar de uma amizade distinta que ultrapassava o kerygma geral e impessoal. Inevitável comparar essa relação discipular, respeitados os limites históricos e culturais, com os princípios realçados por Robert Coleman, a começar do recrutamento e da associação.

⁶³ IRINEU DE LYON, 2014, p. 308-309 [14,2].

⁶⁴ IRINEU DE LYON, 2014, p. 312.

6. OS DISCÍPULOS DOS APÓSTOLOS TIVERAM DISCÍPULOS?

Resta saber, agora, se os discípulos dos apóstolos tiveram discípulos e se essa intencionalidade multiplicadora acompanhou as gerações seguintes. Um estudioso do cristianismo dos primórdios que pode ajudar nesse levantamento é Gerd Theissen. Segundo ele, o movimento de Jesus, de caráter itinerante e carismático⁶⁵, foi tão peculiar que colocou o grupo de discípulos numa situação de exceção e marginalidade.⁶⁶ Esse movimento foi reproduzido em parte pelos apóstolos, bem como por profetas e discípulos itinerantes, porém acabou cedendo ao estabelecimento de comunidades sob a autoridade de bispos e presbíteros.⁶⁷ A própria designação “discípulo”, ligada ao seguimento (itinerância), começou a desaparecer à medida que a igreja se fixou como uma comunidade local, em especial em Antioquia (cf. Atos 11.26).⁶⁸

Para Theissen, a noção de “fazer discípulos” apenas sobreviveu ao ganhar fôlego com o envio de Paulo e Barnabé como missionários (cf. At 13.1ss). Mas, ao tempo em que saíam pela Ásia Menor em missão, a própria comunidade de Antioquia consolidava a repartição de ministérios eclesiais, inclusive separando mestres (ou doutores) para a função de ensinar (cf. At. 13.1). Aliás, a figura do mestre como alguém dotado de carisma especial para instruir já havia sido mencionada nas epístolas paulinas (cf. 1Co 12.28-29 e Ef 4.11). A Didaqué também reconheceu a coexistência, na igreja primitiva, de apóstolos, profetas e mestres.⁶⁹ Com a estabilização dos cristãos em igrejas locais

⁶⁵ Segundo o autor, “o conceito de ‘carismático’ indica que seu papel não era uma forma de vida institucionalizada, à qual fosse possível aderir por decisão própria. Ao contrário, baseava-se num chamado externo incondicional” (THEISSEN, Gerd. **Sociologia do Movimento de Jesus**. 2.ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1997, p. 16).

⁶⁶ THEISSEN, 1997, p. 90.

⁶⁷ THEISSEN, 1997, p. 93.

⁶⁸ THEISSEN, 1997, p. 34.

⁶⁹ Comentando a Didaqué 15,2, Gerd Theissen sustenta que “os bispos e diáconos eleitos pelas comunidades locais ficam claramente pospostos aos carismáticos itinerantes eleitos” (THEISSEN, 1997, p. 25).

em cidades gregas – Antioquia, em particular⁷⁰ –, o ensino do evangelho passou a ser exercido precipuamente por aqueles que assumiram funções de liderança na comunidade de fé; em paralelo, os missionários viajantes (apóstolos) perderam gradualmente a importância, embora Adolf von Harnack lembre que, nesse período, “alguns mestres permaneciam residentes em uma localidade específica, enquanto outros viajavam como missionários”.⁷¹ Salienta Theissen:

A transição do movimento de Jesus palestinese para o cristianismo primitivo helenístico está relacionada com uma profunda reestruturação dos papéis. Enquanto no cristianismo primitivo palestinese as autoridades decisivas eram os carismáticos itinerantes, no âmbito helenístico o peso se transferiu para as comunidades locais. As autoridades ali residentes tornaram-se os personagens determinantes do cristianismo primitivo, primeiramente como órgãos colegiados, e já no início do séc. II como episcopado monárquico (Inácio de Antioquia). Os sucessores dos carismáticos itinerantes da cristandade primitiva, porém, caíram cada vez mais em descrédito, como revela a Terceira Epístola de João.⁷²

É provável que, já no final do século I, o papel de mestre estivesse reservado a um bispo ou presbítero, que presidia a comunidade e a instruía oficialmente (cf. 1Tm 5.17). Ao mesmo tempo, formava-se uma teologia que consagrava o bispo como “o mestre responsável pelos fieis”⁷³, como lecionava Inácio de Antioquia (35-110). Tudo isso contribui para a aparente cessação do discipulado pessoal no período. De fato, não se consegue rastrear na literatura cristã dos primórdios que a estratégia discipular de Jesus, em seus contornos peculiares, tenha ultrapassado

⁷⁰ Geo W. McDaniel afirma que “o espírito de evangelismo de Antioquia mudou para lá o centro do cristianismo”. In: MCDANIEL, Geo W. *As igrejas do Novo Testamento*. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982, p. 38.

⁷¹ Referenciado por HINSON, E. Glenn; SIEPIERSKY, Paulo. *Vozes do cristianismo primitivo*. São Paulo, SEPAL, 2014, p. 10.

⁷² THEISSEN, 1997, p. 93.

⁷³ PADRES APOSTÓLICOS, 1991, p. 78.

a segunda (ou, no máximo, a terceira) geração de discípulos depois dos apóstolos, a não ser que se queira recorrer à teologia de sucessão apostólica defendida pela Igreja Católica Romana, que escapa ao conceito de discipulado abordado aqui.

Entretanto, tal conclusão não afasta a realidade de que os cristãos, em uma acepção de fazer discípulos que se confunde com a própria evangelização, poderiam vir a ter discípulos, sobretudo por meio da imitação e do exemplo. O mesmo Inácio, agora dirigindo-se aos efésios, convoca-os a atrair discípulos para si por meio de sua conduta: “Rezai sem cessar pelos outros homens, pois neles há esperança de conversão, a fim de que alcancem a Deus. Deixai que, ao menos por vossas obras, eles se tornem vossos discípulos”.⁷⁴ Ele, que reputava o bispo como mestre oficial dos fiéis, admitiu que, na esteira da evangelização pessoal, os cristãos tivessem discípulos. Já tive a chance de aprofundar o assunto em outro artigo, no qual demonstrei que aquilo que se intitula “amizade discipuladora” já se fazia presente na missão do cristão “comum” nos dois primeiros séculos, consoante fontes bíblicas e patrísticas, especialmente a Apologia I de Justino.⁷⁵

Por conseguinte, ainda que não se verifique uma cadeia de reprodução discipular a partir dos apóstolos, certo é que a ação discipuladora, que coloca um discípulo no seguimento de outro, não desapareceu por completo no cristianismo primitivo.

O que se extrai de tudo isso é que, para a literatura cristã dos primórdios, colocar um cristão, seja um apóstolo, um mestre ou um cristão “comum” na posição de ter um discípulo não configurava, de nenhuma forma, autenticar uma relação temerária de poder sobre o outro. Como preceituam Hinson e Siepiersky, “Jesus tinha requerido uma resposta para si mesmo; o mestre

⁷⁴ PADRES APOSTÓLICOS, 1991, p. 85 [10.1] (ênfase adicionada).

⁷⁵ CARVALHO, Diogo C. Amizade discipuladora no cristianismo dos primórdios: uma breve investigação da responsabilidade de cada cristão perante Mateus 28.19 até o fim do segundo século. *Revista Batista Pioneira*. Ijuí, RS, v. 7, n. 2, dez./2018, p. 375-396.

cristão requeria uma resposta para Jesus”.⁷⁶ O próprio Inácio de Antioquia, agora discorrendo sobre a imitação de Cristo, declarou ser ele o “nosso único mestre”⁷⁷, conotando que a questão era, em grande parte, terminológica. Para Inácio, existiria um sentido natural em que apenas Jesus é mestre, exclusivo e suficiente; outro, em que os bispos são mestres, e ninguém mais na igreja; e, ainda, outro em que os cristãos poderiam ter discípulos, pela via da influência que gerasse imitação e conversão.

Situações de abuso espiritual praticadas por falsos mestres já eram conhecidas no Novo Testamento. Jesus alertara seus discípulos do surgimento deles (cf. Mt 7.15, 24.11,24; Mc 13.22). As epístolas de Paulo também denunciavam aqueles que utilizavam seus ensinamentos para fins maliciosos (cf. 2Tm 3.1-7).⁷⁸ Pedro, João e Judas da mesma forma escreveram sobre o assunto (cf. 2Pe 2.1; 1Jo 4.1; Ap 2.2 e Jd 4). Tampouco a patrística é indiferente quanto a essa situação. Ao contrário, há uma gama de escritores antigos dedicados a defender a fé cristã contra os propagadores de doutrinas pagãs e judaizantes, entre os quais o autor da Carta a Diogneto (70 ou 120 ou 190-200), Aristides de Atenas (século II), Taciano, o Sírio (120-172) e Teófilo de Antioquia (?-176).

Mencione-se, mais uma vez, Irineu e sua clássica coleção “Contra as heresias” (*Adversus Haereses*), em que apresenta os hereges e refuta suas doutrinas, bem como expõe a doutrina cristã de forma a preparar seus leitores para combater os hereges, converter os que se afastaram e reconduzi-los à Igreja da Deus e, ao mesmo tempo, confirmar os neófitos para que se mantenham firmes na fé que receberam intacta da Igreja, para que de forma alguma se deixem corromper pelos que tentam ensinar-lhes o erro e afastá-los da verdade.⁷⁹

⁷⁶ HINSON; SIEPIERSKY, 2014, p. 22.

⁷⁷ PADRES APOSTÓLICOS, 1991, p. 94 [Carta aos Magnésios 9.1].

⁷⁸ Ver também Gl 2.4, 2Co 11.13 e 1Tm 6.20.

⁷⁹ IRINEU DE LYON, 2014, p. 517,518 [V Livro, Pr.].

Mas o problema desses hereges não era a circunstância de terem discípulos, mas, sim, de o ensino deles não guardarem nenhuma continuidade com o dos apóstolos. Ao investigar a origem desses falsos mestres, conclui: “Antes de Valentim não houve os discípulos de Valentim; antes de Marcião não houve os discípulos de Marcião, nem alguns dos sistemas perversos, que catalogamos precedentemente, antes que aparecessem esses iniciadores e inventores de perversidades”⁸⁰; e acrescenta: “Todos os outros, que são chamados gnósticos, têm sua origem em Menandro, discípulo de Simão”.⁸¹ Para Irineu, embora os apóstolos tivessem tido discípulos, assim como os hereges tiveram – denotando que o ato de ter discípulos não era estranho à nomenclatura de seu contexto cultural e histórico – o alicerce fundamental da fé cristã, que a distinguiu das heresias, consistia em assumir Jesus, no fim das contas, como “o único Mestre, seguro e verídico, o Verbo de Deus, Jesus Cristo nosso Senhor, que na sua imensa caridade nos fez o que nós somos para nos elevar ao que ele é”.⁸²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A objeção que se faz hoje ao ato de ter um discípulo inspirado na proposta de Robert Coleman ou Waylon Moore parece estar mais relacionada a uma questão terminológica e fenomenológica do que teológica. Conforme observado, críticas ostensivas, como a de Yago Martins, partem da constatação de que certos modelos de discipulado que empregam a nomenclatura de “ter discípulos” têm desaguado em relações indesejáveis de poder e dependência entre discipulador e discípulo. No entanto, a alegação de que, dadas essas distorções, qualquer relação de seguimento entre um discípulo experiente e um discípulo mais novo equivaleria à usurpação, ainda que parcial, do senhorio de Cristo não se sustenta.

⁸⁰ IRINEU DE LYON, 2014. p. 253 [4,3].

⁸¹ IRINEU DE LYON, 2014. p. 254 [4,3].

⁸² IRINEU DE LYON, 2014. p. 518 [V Livro, Pr.] (ênfase adicionada).

Primeiro, porque o abuso não impede o uso (*abusus non tollit usum*). As propostas salutares de adoção, hoje, dos princípios por trás dos métodos evangelísticos de Jesus, como a dos referidos autores, não compartilham dos exageros introduzidos por supostas “novas revelações”, como a do Governo dos Doze. A evolução dos paradigmas missiológicos em matéria de “fazer discípulos” não precisa dar um passo atrás só porque existem absurdos aqui ou ali. Já tivemos a oportunidade de anotar:

A ordem de Cristo exige de nós uma atitude ativa, e não passiva. Não a cumprimos por meio do que deixamos de fazer (o erro), mas pelo que fizermos (o acerto). Então, nossa abordagem do fazer discípulos deve estar isenta de preconceitos que nos impeçam de compreender e praticar o que isso realmente significa.⁸³

Em segundo lugar, em caso de os apóstolos de Jesus temessem que o discipulado acarretasse relações indevidas de poder, eles mesmos não teriam tido discípulos em relações privadas de ensino. Ao invés, teriam se dedicado unicamente às pregações públicas sem jamais acolher indivíduos em uma relação de seguimento – a exemplo da já estudada relação entre Paulo e Lucas. Tampouco a literatura primitiva, ainda que cingida pela estrutura de pensamento helênica, teria empregado a expressão “discípulo de...” para referir-se a alguém além de Jesus e seus apóstolos. Em vez disso, tais obras informam que não só os apóstolos tiveram discípulos, como a linhagem discipular que os perpassava, ao menos na geração imediatamente posterior, representava um fator apologético para diferenciar a doutrina verdadeira da falsa, como observado por Irineu. Por conseguinte, segundo as fontes patrísticas até o segundo século, o discipulado pela via relacional, longe de ser um pretexto para o desvirtuamento da sã doutrina, foi um elemento garantidor da preservação da sã doutrina.

⁸³ CARVALHO, 2016, p. 30.

Em terceiro lugar, porque a recusa ao “ter um discípulo” pode esconder – salvo se a objeção for meramente terminológica, de fato – uma recusa ao próprio discipulado em si. Pode-se estar advogando que o fazer discípulos é uma tarefa que se implementa pela via do anúncio (evangelização em sentido estrito), e não do discipulado. Mas a realidade é que alguém que não saiba dizer quem está discipulando – ou nomeie uma quantidade de discípulos incompatível com um discipulado de fato – dificilmente está discipulando. Ainda que se estranhe a expressão, ter um discípulo é um pressuposto para fazer um discípulo, se é que Robert Coleman tem razão ao propor a reprodução dos princípios discipulares de Jesus nos dias atuais.

De toda sorte, a objeção ao “ter discípulos” serve para advertir que, se há algum sentido no qual todo cristão é chamado a imitar Jesus em sua missão, tal sentido deve ser concebido sob limites e sem exorbitâncias. Interessante que até quem promove um discipulado “com discípulos”, como é o caso de Abe Huber, idealizador do Modelo de Discipulado Apostólico (MDA), reconhece:

Temos que lembrar sempre que as ovelhas, os discípulos que Deus coloca em nossas mãos não são nossas ovelhas, e sim ovelhas do Senhor. Às vezes tenho visto líderes de células ou discipuladores que se referem a determinado discípulo como se fosse “o MEU discípulo”, ou seja, com uma atitude possessiva. (...) Deus está confiando ovelhas dele em nossas mãos. Que responsabilidade! Um dia Ele vai pedir a prestação de contas, de como nós cuidamos dessas ovelhas. Que privilégio, mas que responsabilidade cuidar das ovelhas dele!⁸⁴

Ter um discípulo não pode significar de forma alguma apropriar-se de alguém ou manter uma relação de controle e subordinação entranha ao Novo Testamento. Logo, a utilização do pronome possessivo ligado ao discipulado (“meu” discípulo)

⁸⁴ HUBER, Abe. **Discipulado um a um**: crescimento com qualidade. 2.ed. Fortaleza: Premius, 2012, p. 155.

sempre ficará sob suspeita. Alguns vão preferir “discipulando”, como Yago Martins, ou “filhos espirituais”, como Waylon Moore.⁸⁵ Se o objetivo é evitar mal-entendidos quanto à teologia subjacente à nomenclatura, as alternativas são válidas. Em contrapartida, o que deve ser avaliado é se esse zelo com as palavras não nos está aprisionando em uma teia terminológica. Sob efeito de uma resistência exacerbada àquilo que se apresenta como falso, podemos rechaçar o que é verdadeiro e acabar não discipulando ninguém, descumprindo Mateus 28.19 em seu sentido mais natural: fazer discípulos pela via do discipulado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. Discipulado: autarquia, anarquia, ditadura – uma análise. **Via teológica**, Curitiba, v. 19, n. 37, jun/2018, p. 286-303.

64

BARTH, Karl. **Chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 11.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. 3.ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002.

BRUCE, A. B. **O treinamento dos doze**: princípios eternos para o desenvolvimento de liderança. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CAREY, William. Uma investigação sobre o dever dos cristãos. *In*: WINTER, Ralph D. (ed.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 291-299.

⁸⁵ MOORE, 1990, p. 81.

CARVALHO, Diogo. **Relacionamento discipulador**: uma teologia da vida discipular. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2015.

CARVALHO, Diogo. Amizade discipuladora no cristianismo dos primórdios: uma breve investigação da responsabilidade de cada cristão perante Mateus 28.19 até o fim do segundo século. **Revista Batista Pioneira**, Ijuí-RS, v. 7, n. 2, dez./2018, p. 375-396.

CARVALHO, Diogo. Discipulado, Perspectivas e Dimensões. **Via Teológica**, Curitiba, v. 20, n. 39, jun./2019, p. 89-120.

CASTELLANOS, César. **O ABC da visão**. Bogotá, Colômbia: G12 Editores, 2018.

COLEMAN, Robert E. **They Meet the Master**: A Study Manual on the Personal Evangelism of Jesus. Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1973.

COLEMAN, Robert E. **The Mind of the Master**. Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revel Company, 1977.

COLEMAN, Robert E. **Plano mestre de evangelismo**. São Paulo: Mundo cristão, 2016.

DEVER, Mark. **Discipulado**: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2016.

ELLIS, Mark. O espanto da Grande Comissão. In: **Sistemática Equatorial**. Faculdade Teológica Batista Equatorial, Belém-PA, n. 1, Ano 2, 2014, p. 7-25.

EUSÉBIO, Bispo de Cesareia. **História eclesiástica**. Tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

FLETCHER, Jesse C. **Practical discipleship**. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1980.

GIBSON, Noel C. **The fisherman's basket: open air and other methods of evangelism.** Australia: Freedom in Christ Ministries, 1990

GREEN, Michael. **Evangelização na igreja primitiva.** São Paulo: Vida Nova, 2000.

HINSON, E. Glenn; SIEPIERSKY, Paulo. **Vozes do cristianismo primitivo.** São Paulo: SEPAL, 2014.

HUBER, Abe. **Discipulado um a um: crescimento com qualidade.** 2.ed. Fortaleza: Premium, 2012.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias.** Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro: organização das notas bíblicas Roque Frangiotti. Tradução Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. **Demonstração da pregação apostólica.** Traduzido por Ari Luis do Vale Ribeiro. São Paulo: Paulus, 2014.

JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e paideia grega.** Tradução Daniel da Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014.

MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando: o significado, a extensão e o selo do discipulado.** Niteroi: Concílio, 2017.

MCDANIEL, Geo W. **As igrejas do Novo Testamento.** 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

MOLTMANN, J. **O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã.** São Paulo: Academia Cristã, 2014.

MOORE, Waylon. **Integração segundo o Novo Testamento: como conservar, desenvolver e multiplicar os convertidos.** 5.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

MOORE, Waylon. **Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja.** 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

PADRES APOLOGISTAS. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti. Tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

PADRES APOSTÓLICOS. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti. Tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1991.

PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo.** 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Vida, 2008.

SMITH, Oswald. **Paixão pelas almas.** 2.ed. São Paulo: Vida, 2009.

STOTT, John. Base bíblica da evangelização. In: **A missão da igreja no mundo de hoje:** as palestras principais do Congresso Internacional de Evangelização realizado em Lausanne, Suíça. 2.ed. São Paulo: ABU e Visão Mundial, p.33-53.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno.** Viçosa: Ultimato, 2010.

STOTT, John. **O discípulo radical.** Viçosa: Ultimato, 2011.

THEISSEN, Gerd. **Sociologia do Movimento de Jesus.** 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

